DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA LINGUÍSTICA: O CASO DO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA

Alexandre do Amaral Ribeiro
Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Entrevistado por:

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves
Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Doutorando em Letras Neolatinas – Língua Italiana – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
jeffersonpn@yahoo.com.br

Márcia da Gama Silva Felipe
Doutoranda em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
prof.marciadagama@gmail.com

Na edição 28, o convidado brasileiro para nossa discussão sobre patrimônio cultural e memória linguística foi o professor Alexandre do Amaral Ribeiro.

Nosso entrevistado é um daqueles homens que os antigos chamariam de cosmopolita. Já trabalhou na América do Sul, na África e no Japão. Fala sete idiomas. Foi orientado por um alemão e um indiano em seus cursos de mestrado e doutorado. Trabalha com o ensino de língua portuguesa para estrangeiros de toda a parte do mundo.

Por suas experiências de vida e de trabalho, sempre esteve imerso em diferentes culturas, línguas e locais. Atualmente, coordena, na UERJ, o NUPPLES – Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda –, um verdadeiro laboratório de formação intercultural e prática docente. Na entrevista, contou-nos um pouco da sua relação com os temas de nosso dossiê.

PALIMPSESTO

1) De que maneira os conceitos de "patrimônio cultural" e "memória linguística" estão (ou poderiam estar) interligados?

ALEXANDRE RIBEIRO

O termo "patrimônio", quando pensado isoladamente, pode ser entendido por muitas pessoas como sendo referente unicamente a bens tangíveis e materiais. A ideia de "patrimônio", contudo, não pode ser restringida a este aspecto e engloba bens intangíveis e imateriais, sejam os considerados construídos (culturais) ou os considerados naturais. Em português, costumamos usar "cultural" adjetivando "patrimônio", o que auxilia a direcionar nosso olhar para essa dimensão intangível, equacionando aspectos objetivos e subjetivos da cultura.

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

Tradicionalmente, entendemos cultura como um conjunto de crenças, tradições, costumes, hábitos, conhecimentos etc. que são construídos socialmente e se encontram acessíveis pela língua que lhes serve de repositório e lhes dá dinamicidade. Não é à toa que nos referimos constantemente à língua como "tesouro".

A palavra, em sua dimensão semântica, carrega não somente significados relativos aos seus referentes, mas memórias afetivas que evocam vivências diversas que interligam o passado, o presente e o futuro (desejos, aspirações), criando representações com as quais nos identificamos. A língua é, portanto, um patrimônio cultural imaterial que possui características tais que não vejo como não estaria interligada à memória (linguística).

PALIMPSESTO

2) O patrimônio cultural de cada pessoa, grupo ou sociedade é um elemento distintivo e identitário próprio? Poderia explicar?

ALEXANDRE RIBEIRO

Costumamos identificar as pessoas, os grupos, as sociedades, diferenciando suas características, formas de ser e de se manifestar. Essas diferenças, contudo, não são frutos de uma construção isolada, mas têm como parâmetro a herança cultural, construída coletivamente. Se pararmos para refletir, cada indivíduo constrói a sua identidade a partir de narrativas. Basta se lembrar da infância, quando parentes/amigos mais velhos narravam características nossas das quais não tínhamos consciência.

De alguma maneira, pela identificação ou "rejeição" daquelas narrativas construímos as nossas identidades. Essas narrativas, por mais que apresentem traços

individualizados, estão conectadas. É nesse sentido que penso que o "patrimônio cultural" tenha caráter dinâmico e seja a um só tempo fonte e resultado das combinações de experiências, produções, artefatos, memórias, narrativas etc., produzidos pelas pessoas, grupos e sociedade.

PALIMPSESTO

3) O senhor coordena na UERJ o NUPPLES (Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda), um importante centro de ensino para estrangeiros. De que maneira o NUPPLES lida com a questão de nosso dossiê em sala de aula?

ALEXANDRE RIBEIRO

No NUPPLES recebemos alunos estrangeiros em diferentes situações sociolinguísticas, políticas; de manifestações culturais e identitárias diversas. Acredito que nossa missão é dar acesso à língua (Português do Brasil) e às culturas brasileiras, entendidas como tesouro de nossa comunidade linguística e cultural. Nesse sentido, nossos cursos e aulas têm como foco o ensino da língua e da cultura, não somente de modo indissociável entre si mesmas, mas em permanente diálogo com as culturas que se apresentam em sala de aula. O respeito à diferença linguística e cultura, as práticas de base intercultural e reflexão de valores socioculturais respaldam a nossa prática didática, permitindo compartilhar nossa língua, como patrimônio cultural de forma dinâmica.

PALIMPSESTO

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

4) Da mesma forma, a formação de professores, outro ponto de atenção do NUPPLES, é um ponto de interseção com nosso dossiê. Como é a experiência do NUPPLES?

ALEXANDRE RIBEIRO

Oportunizamos que alunos de graduação estejam em sala de aula e vivam a experiência de construir saberes didáticos e pensar didaticamente sobre a área em que constroem sua formação profissional. Dessa forma, trabalhamos com vistas à autonomia didático-pedagógica do professor levando-o a planejar e discutir suas aulas em equipe, antes e depois da aplicação do plano de aula.

Além disso, temos encontros regulares para estudo teórico, o que fazemos paralelamente às práticas de observação e discussão de aulas. Acreditamos que, desta forma, estamos acompanhando a formação docente e dando bases sólidas tanto para o conhecimento teórico quanto para o desenvolvimento de competências e habilidades didático-pedagógicas que consideramos essenciais para o ensino de Português para Estrangeiros.

PALIMPSESTO

5) De que modo a organização curricular das universidades contempla tal aproximação? Nesse sentido, quais são as alternativas dos professores para aproximar e inter-relacionar línguas e patrimônio cultural?

ALEXANDRE RIBEIRO

Atualmente, são poucas as universidades que oferecem formação (curso de graduação) na área de Português Língua Estrangeira. A formação tradicional dos Cursos de Letras visa à atuação de professores na perspectiva do ensino de língua materna. São relativamente conhecidas, pelo menos no âmbito acadêmico, as ações políticas, realizadas desde a colonização, no sentido de impor a Língua Portuguesa em detrimento de outras no Brasil. Acredito, contudo, que não podemos desconsiderar o papel fundamental da Língua Portuguesa em nossa sociedade. Não devemos negligenciar em nenhum aspecto uma boa formação para o ensino de Português Língua Materna.

A questão que precisamos enfrentar contemporaneamente, no entanto, é de que essa formação não basta para darmos conta da realidade que vivemos. Hoje as escolas regulares recebem mais frequentemente, por força das políticas de inclusão, alunos surdos, indígenas e estrangeiros em situação de acolhimento. Trata-se de uma realidade provocada não somente pelo processo de internacionalização, mas pelas crises humanitárias que resultam de guerras entre outros acontecimentos de impacto humanitário negativo.

Portanto, seja pelo desejo de internacionalização, seja para acolher estrangeiros, seja para dar acesso à língua nacional a brasileiros falantes de outras línguas, é necessário rever o currículo das universidades. Uma formação estritamente tradicional não condiz com a essência multilíngue e multicultural de nosso país. Cabe aos professores, pesquisadores, alunos discutirem o currículo de formação do profissional de Letras, preparando-o para o contexto de ensino de língua não materna. Essa formação exige revisão apurada e constante das formas de ensinar nossa língua e culturas, uma vez que o público-alvo não compartilha da mesma base linguístico-cultural na qual o professor se constitui como ser humano e para qual foi preparado para ensinar.

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

PALIMPSESTO

6) Por sua formação e atuação, o senhor já esteve em contextos de surdos e estrangeiros, por exemplo, chegando a ofertar cursos na África sobre o assunto. Dessa confluência de vivências, é possível extrair alguma unidade quando se fala em patrimônio cultural e memória linguística? De que modo?

ALEXANDRE RIBEIRO

Estive na África, especificamente em Angola, para um curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE). O órgão equivalente ao Ministério da Educação reuniu professores de diferentes cidades, todos preocupados com a inclusão do surdo nas escolas e com o ensino de Língua Portuguesa. Os professores eram de diferentes culturas e línguas nativas. Pude tomar conhecimento de vários traços culturais e até aprendi algumas expressões em suas línguas nativas.

Todos falavam Português muito bem, mas mantinham suas tradições culturais e linguísticas de origem. Penso que esse seja um exemplo relevante, pois buscavam um equilíbrio sociolinguístico e cultural que permitisse entender melhor o amplo e sólido patrimônio cultural que têm.

Participei da criação do primeiro Curso Bilíngue de Pedagogia do Brasil que certamente também foi o primeiro da América Latina. Tornei-me o primeiro diretor do Departamento de Ensino Superior de uma instituição centenária, especializada na Educação de Surdos, o INES. Muito se tem feito para valorizar o patrimônio cultural das comunidades de surdos, reconhecendo e registrando suas produções em Língua Brasileira de Sinais. Um desafio que sempre se coloca, no entanto, é o lugar da Língua Portuguesa

como Segunda Língua na constituição do patrimônio cultural e memória linguística dos surdos. A relação me parece inegável, dadas as suas origens e interações familiares, mesmo que prejudicadas pelo conhecimento e aceitação das línguas em jogo. De qualquer forma, estão ali e constituem base indelével da identidade desses sujeitos.

PALIMPSESTO

7) Em sua opinião, quais perspectivas de pesquisa ainda se colocam como necessárias, para esse tema, no cenário brasileiro?

ALEXANDRE RIBEIRO

Pode parecer exagero, mas acredito que todos os aspectos que se referem à dimensão materna da língua precisam ser revisitados de alguma forma. Língua Materna e não Materna constituem faces diferenciadas de uma mesma moeda. Aos profissionais que trabalham com a perspectiva não materna interessa em muito a leitura e aprofundamento das questões estudadas na perspectiva materna e vice-versa. Não farei aqui uma lista de perspectivas, mas penso que devamos investir cada vez mais em pesquisas que ampliem aspectos descritivos e promovam um diálogo entre esses e as pesquisas sobre ensino de Português Língua Não Materna. É chegada a hora de rever conceitos e parâmetros que respaldam nossas discussões linguísticas.

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

PATRIMONIO CULTURALE E MEMORIA LINGUÍSTICA: IL CASO DELL'INSEGNAMENTO DEL PORTOGHESE COME LINGUA NON MADRE

Tradotto da:

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves
Dottorando in Lettere - Lingua Portoghese - dall'Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Dottorando in Lettere Neolatine - Lingua Italiana - dall' Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
jeffersonpn@yahoo.com.br

Nel numero 28, l'invitato brasiliano per la nostra discussione sul patrimonio culturale e la memoria linguistica è stato il professore Alexandre do Amaral Ribeiro.

Nostro intervistato è quell'uomo che gli antichi chiamerebbero cosmopolita. Ha lavorato in Sud America, Africa e Giappone. Parla sette lingue. Fu guidato da un tedesco e da un indiano nei suoi corsi di master e dottorato. Lavora con l'insegnamento della lingua portoghese agli stranieri di tutto il mondo.

A causa della sua vita e delle sue esperienze lavorative, è sempre stato immerso in molte culture, lingue e luoghi. Attualmente, coordina all'UERJ il NUPPLES - Centro di ricerca e insegnamento del portoghese come lingua straniera e seconda lingua – un vero laboratorio di formazione interculturale e pratica professionista. Nell'intervista ci ha raccontato un po' del suo rapporto con i temi del nostro dossier.

PALIMPSESTO

1) In che modo sono interconnessi i concetti di "patrimonio culturale" e "memoria linguistica"?

ALEXANDRE RIBEIRO

Il termine "patrimonio", quando pensato isolatamente, può essere inteso da molte persone come riferito solo a beni tangibili e materiali. L'idea di "patrimonio", tuttavia, non può essere limitata a questo aspetto e comprende beni intangibili e immateriali, considerati come costruiti (culturali) o considerati naturali. In portoghese, usiamo di solito "culturale" come un aggettivo per "patrimonio", che aiuta a dirigere il nostro sguardo a questa dimensione immateriale, equiparando gli aspetti oggettivi e soggettivi della cultura.

Tradizionalmente, intendiamo la cultura come un insieme di credenze, tradizioni, costumi, abitudini, conoscenze fra altri, che sono costruiti socialmente e sono accessibili dal linguaggio che funge da repository e dà loro dinamicità. Non a caso ci riferiamo costantemente alla lingua come "tesoro".

La parola, nella sua dimensione semantica, porta non solo significati legati ai loro referenti, ma i ricordi affettivi che evocano esperienze diverse che collegano il passato, presente e futuro (desideri, aspirazioni), rappresentazioni creando con cui ne identifichiamo. La lingua è, quindi, un patrimonio culturale immateriale che ha caratteristiche tali che non vedo come non sarebbe intrecciato con la memoria (linguistica).

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

PALIMPSESTO

2) Il patrimonio culturale di ogni persona, gruppo o società è un elemento distintivo e una sua identità? Potrebbe spiegare?

ALEXANDRE RIBEIRO

Di solito identifichiamo persone, gruppi, società, differenziandone le caratteristiche, i modi di essere e di manifestarsi. Queste differenze, tuttavia, non sono i frutti di una costruzione isolata, ma hanno come parametro l'eredità culturale, costruita collettivamente. Se ci fermiamo a riflettere, ogni individuo costruisce la sua identità dalle narrazioni. È sufficiente ricordare l'infanzia, quando parenti/amici più anziani hanno descritto caratteristiche proprie che non le conosciamo.

In qualche modo, identificando o "rifiutando" quelle narrazioni, costruiamo le nostre identità. Queste narrative, per quanto possano essere individualizzate, sono collegate. In questo senso, penso che il "patrimonio culturale" ha carattere dinamico ed è allo stesso tempo fonte e il risultato delle esperienze di combinazioni, produzioni, manufatti, memorie, racconti, ecc, prodotti da persone, gruppi e società.

PALIMPSESTO

3) Il signor coordina in UERJ il NUPPLES (Nucleo di ricerca e insegnamento del portoghese come lingua straniera e seconda), un importante centro di educazione per gli stranieri. In che modo NUPPLES tratta la questione del nostro dossier in classe?

ALEXANDRE RIBEIRO

In NUPPLES riceviamo studenti stranieri in diverse situazioni politiche e sociolinguistiche; di diverse manifestazioni culturali e di identità. Credo che la nostra missione sia quella di dare accesso alla lingua (portoghese brasiliano) e alle culture brasiliane, intese come tesoro della nostra comunità linguistica e culturale. In questo senso, i nostri corsi e le nostre lezioni si concentrano sull'insegnamento della lingua e della cultura, non solo in modo inseparabile, ma in un dialogo permanente con le culture che si presentano in classe. Il rispetto per la diversità linguistica e culturale, le pratiche basate interculturalmente e la riflessione dei valori socio-culturali fondamentano la nostra pratica didattica, che consente di condividere la nostra lingua, come patrimonio culturale in modo dinamico.

PALIMPSESTO

4) Allo stesso modo, la formazione degli insegnanti, un altro punto di attenzione di NUPPLES, è un punto di intersezione con il nostro dossier. Com'è l'esperienza NUPPLES?

ALEXANDRE RIBEIRO

Speriamo che gli studenti universitari siano in classe e vivano l'esperienza di costruire conoscenze didattiche e di pensare all'area in cui costruiscono la loro formazione professionale. Così, lavoriamo con l'obiettivo di autonomia didattica e pedagogica del professore che lo porta a pianificare e discutere le loro lezioni in gruppo, prima e dopo l'attuazione del piano di lezione.

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

Inoltre, abbiamo incontri periodici per lo studio teorico, che li facciamo parallelamente alle pratiche di osservazione e discussione delle classi. Noi crediamo che in questo modo stiamo seguendo la formazione degli insegnanti fornendogli una solida base per le conoscenze teoriche e di sviluppare le abilità e le competenze didattiche e pedagogiche che noi consideriamo essenziali per l'insegnamento portoghese per Stranieri.

PALIMPSESTO

5) In che modo l'organizzazione curriculare delle università contempla un tale approccio? In questo senso, quali sono le alternative degli insegnanti per avvicinarsi e interconnettere lingue e patrimonio culturale?

ALEXANDRE RIBEIRO

Attualmente, poche università offrono formazione (corso di laurea) nell'area della lingua straniera portoghese. La tradizionale formazione dei corsi di lettere mira alla performance degli insegnanti nella prospettiva dell'insegnamento della madrelingua. Le azioni politiche condotte dopo la colonizzazione, nel senso di imporre la lingua portoghese a scapito di altre in Brasile, sono relativamente ben conosciute, almeno in ambito accademico. Credo, tuttavia, che non possiamo ignorare il ruolo fondamentale della lingua portoghese nella nostra società. Non dovremmo trascurare in alcun modo una buona formazione per l'insegnamento della madrelingua portoghese.

La domanda che dobbiamo affrontare allo stesso tempo, tuttavia, è che questa formazione non è sufficiente per spiegare la realtà che viviamo. Oggi, le scuole regolari

ricevono più spesso studenti non udenti, nativi e stranieri in una situazione di accoglienza, a causa delle politiche di inclusione. Questa è una realtà causata non solo dal processo di internazionalizzazione ma anche dalle crisi umanitarie derivanti da guerre tra altri eventi di impatto umanitario negativo.

Pertanto, è necessario rivedere il curriculum delle università, sia attraverso il desiderio di internazionalizzazione, di accogliere gli stranieri, o di dare ai brasiliani di altre lingue l'accesso alla lingua nazionale. Una formazione strettamente tradizionale non corrisponde all'essenza multilingue e multiculturale del nostro paese. Spetta agli insegnanti, ai ricercatori, agli studenti discutere il curriculum di formazione del professionista delle lettere, preparandolo per il contesto dell'insegnamento delle lingue non madre. Questa formazione richiede un'attenta e costante revisione dei modi di insegnare la nostra lingua e le nostre culture, poiché il pubblico di riferimento non condivide la stessa base linguistico-culturale in cui l'insegnante è costituito come essere umano e al quale era disposto a insegnare.

PALIMPSESTO

6) Per la sua formazione e sperienze lavorative, sei stato in contesti di sordi e stranieri, ad esempio, anche offrendo corsi in Africa sull'argomento. Da questa confluenza di esperienze, è possibile estrarre un po 'di unità quando si parla di patrimonio culturale e memoria linguistica? In che modo?

ALEXANDRE RIBEIRO

DOI:10.12957/palimpsesto.2018.41937

Ero in Africa, in particolare in Angola, per un corso di Assistenza Educativa Specializzata (AEE). L'organismo equivalente del Ministero della Pubblica Istruzione riuniva insegnanti di diverse città, tutti interessati all'inclusione dei sordi nelle scuole e all'insegnamento della lingua portoghese. Gli insegnanti provenivano da diverse culture e lingue native. Ho imparato molti tratti culturali e ho persino imparato alcune espressioni nelle loro lingue native.

Parlavano tutti molto bene il portoghese, ma mantenevamo le mostre tradizioni culturali e linguistiche di origine. Penso che questo sia un esempio pertinente, poiché cercavamo un equilibrio sociolinguistico e culturale che ci consentisse di comprendere meglio l'ampio e solido patrimonio culturale che c'era lì.

Ho partecipato alla creazione del primo corso bilingue in Pedagogia in Brasile, che è stato certamente anche il primo in America Latina. Sono diventato il primo direttore del dipartimento di istruzione superiore di un'istituzione centenaria specializzata nell'educazione di sordi, INES . Molto è stato fatto per valorizzare il patrimonio culturale delle comunità non udenti, riconoscendo e registrando le loro produzioni nella lingua brasiliana dei segni. Una sfida che sorge sempre, tuttavia, è il posto della lingua portoghese come seconda lingua nella costituzione del patrimonio culturale e della memoria linguistica dei non udenti. La relazione mi sembra innegabile, date le loro origini e le interazioni familiari, anche se pregiudicate dalla conoscenza e dall'accettazione delle lingue in gioco. In ogni caso, sono lì e costituiscono una base indelebile per l'identità di questi soggetti.

PALIMPSESTO

7) Secondo lei, quali prospettive di ricerca sono ancora necessarie per questo tema nello scenario brasiliano?

ALEXANDRE RIBEIRO

Può sembrare esagerato, ma credo che tutti gli aspetti della dimensione madre del linguaggio debbano essere rivisitati in qualche modo. La madrelingua e quella non madre sono facce differenziate della stessa moneta. I professionisti che lavorano con la prospettiva non madre sono interessati a leggere e approfondire le questioni studiate da una prospettiva madrelingua e viceversa. Non farò un elenco di prospettive qui, ma penso che dovremmo investire sempre di più nelle ricerche che amplificano gli aspetti descrittivi e promuovono un dialogo tra loro e la ricerca sull'insegnamento della lingua portoghese non madre. È giunto il momento di rivedere concetti e parametri che sopportano le nostre discussioni linguistiche.